DISCURSO DO PAPA BENTO XVI À PRIMEIRA ASSEMBLEIA PLENÁRIA

30-05-2011 Sala Clementina

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI À PRIMEIRA ASSEMBLEIA PLENÁRIA DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Sala Clementina

Segunda-feira, 30 de Maio de 2011

Senhores Cardeais

Venerados irmãos no Episcopado e no Sacerdócio

Queridos Irmãos e Irmãs!

Quando no dia 28 de Junho do ano passado, nas Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, anunciei que queria instituir um Dicastério para a promoção da nova evangelização, eu dava uma saída concreta à reflexão que tinha feito há muito tempo sobre a necessidade de oferecer uma resposta particular ao momento de crise da vida cristã, que se está a verificar em tantos países, sobretudo de antiga tradição cristã. Hoje, com este encontro, posso constatar com prazer que o novo Pontifício Conselho se tornou uma realidade. Agradeço a D. Salvatore Fisichella as palavras que me dirigiu, introduzindo-me nos trabalhos da vossa primeira Plenária. Uma saudação cordial a todos vós, com o encorajamento pela contribuição que dareis ao trabalho do novo Conselho, sobretudo em vista da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos

Bispos que, em Outubro de 2012, enfrentará precisamente o tema *Nova Evangelização e transmissão da fé cristã.*

A expressão «nova evangelização» recorda a exigência de uma renovada modalidade de anúncio, sobretudo para quantos vivem num contexto como o actual, no qual o andamento da secularização deixou pesados vestígios também em países de tradição cristã. O Evangelho é o anúncio sempre novo da salvação realizada por Cristo para tornar a humanidade partícipe do mistério de Deus e da sua vida de amor e abri-la a um futuro de esperança certa e forte. Ressaltar que neste momento da história a Igreja está chamada a realizar uma *nova* evangelização, significa intensificar a acção missionária para corresponder plenamente ao mandato do Senhor. O Concílio Vaticano II recordava que «os grupos entre os quais a Igreja se encontra, muitas vezes, por várias razões, mudam radicalmente, de modo que podem brotar situações totalmente novas» (Decr. *Ad gentes,* 6). Com olhar clarividente, os Padres conciliares viram no horizonte a mudança cultural que hoje é facilmente verificável. Precisamente esta mudada situação, que criou uma condição inesperada para os crentes, exige uma atenção particular para o anúncio do Evangelho, para dizer a razão da própria fé em situações diferentes do passado. A crise que se experimenta tem em si as características da exclusão de Deus da vida das pessoas, de uma indiferença generalizada em relação à própria fé cristã, até à tentativa de a marginalizar da vida pública. Nos decénios passados ainda era possível reencontrar um sentido geral cristão que unificava o sentir comum de gerações inteiras, crescidas à sombra da fé que tinha plasmado a cultura. Hoje, infelizmente, assiste-se ao drama da fragmentação que já não permite ter uma referência unificadora; além disso, verifica-se com frequência o fenómeno de pessoas que desejam pertencer à Igreja, mas são fortemente plasmadas por uma visão da vida em contraste com a fé.

Anunciar Jesus Cristo, único Salvador do mundo, hoje parece ser mais complexo do que no passado; mas a nossa tarefa permanece idêntica como no alvorecer da nossa história. A missão não mudou, assim como não devem mudar o entusiasmo e a coragem que moveram os Apóstolos e os primeiros discípulos. O Espírito Santo, que os estimulou a abrir as portas do cenáculo, constituindo-os evangelizadores (cf. *Act* 2, 1-4), é o mesmo Espírito que move hoje a Igreja para um renovado anúncio de esperança aos homens do nosso tempo. Santo Agostinho afirma que não se deve pensar que a graça da evangelização se expandiu até aos Apóstolos e que, com eles, aquela fonte de graça esgotou, mas «esta nascente manifesta-se quando flui, não quando deixa de derramar. E foi desta forma que a graça através dos Apóstolos alcançou também outros, que foram enviados a anunciar o Evangelho... aliás, continuou a chamar até estes últimos dias todo o corpo do seu Filho Unigénito, ou seja, a sua Igreja difundida em toda a terra» *(Sermo* 239). A graça da missão precisa sempre de novos evangelizadores capazes de a acolher, para que o anúncio salvífico da Palavra de Deus nunca venha a faltar, nas condições mutáveis da história.

Existe uma continuidade dinâmica entre o anúncio dos primeiros discípulos e o nosso. Ao longo dos séculos a Igreja nunca deixou de proclamar o mistério salvífico da morte e ressurreição de Jesus Cristo, mas hoje o mesmo anúncio precisa de um renovado vigor para convencer o homem contemporâneo, muitas vezes distraído e insensível. Por isso, a nova evangelização deverá procurar encontrar caminhos para tornar ainda mais eficaz o anúncio da salvação, sem o qual a existência pessoal permanece na sua contraditoriedade e desprovida do essencial. Também a quem permanece ligado às raízes cristãs, mas vive a difícil relação com a modernidade, é importante fazer compreender que o ser cristão não é uma espécie de hábito para vestir em privado ou em ocasiões particulares, mas algo vivo e global, capaz de assumir tudo o que existe de bom na modernidade. Faço votos por que no trabalho destes dias possais traçar um projecto capaz de ajudar toda a Igreja e as diferentes Igrejas particulares, no compromisso da nova evangelização; um projecto no qual a urgência por um renovado anúncio se torne cheio da formação, sobretudo para as novas gerações, e seja conjugado com a proposta de sinais concretos, capazes de tornar evidente a resposta que a Igreja pretende oferecer neste momento particular. Se, por um lado, toda a comunidade está chamada a fortalecer o espírito missionário para dar o anúncio novo que os homens do nosso tempo esperam, não se poderá esquecer

que o estilo de vida dos crentes tem necessidade de uma credibilidade genuína, tanto mais convincente quanto mais dramática é a condição daqueles aos quais se dirige. É por isto que desejamos fazer nossas as palavras do Servo de Deus Papa Paulo vi, quando disse em relação à evangelização: «É através do seu comportamento, da sua vida, que a Igreja evangelizará antes de tudo o mundo, ou seja, através do seu testemunho vivo de fidelidade ao Senhor Jesus, de pobreza e de desapego, de liberdade perante os poderes deste mundo, numa palavra, de santidade» (Exort. ap. *Evangelii nuntiandi,* 41).

Queridos amigos, ao invocar a intercessão de Maria, Estrela da evangelização, para que acompanhe os portadores do Evangelho e abra os corações de quantos o ouvem, garanto-vos a minha oração pelo vosso serviço eclesial e concedo a todos vós a Bênção Apostólica.

© Copyright 2011 - Libreria Editrice Vaticana